

Xacobe García

A importância
de se chamar António

Edição trilíngue

Xacobe Otero García licencouse en Administración e Dirección de empresas na Universidade de Vigo no ano 2002, enfocando posteriormente a súa carreira profesional cara o eido do comercio internacional. Dende neno tivo acceso a unha grande variedade de libros en diversos idiomas, entre os que destacan as traducións dos clásicos latinos realizadas ao galego polo seu pai, Xosé Manuel Otero. Iniciouse no francés con 5 anos, sendo xunto co inglés a lingua estranxeira que predominou nos seus estudos anteriores á universidade.

Colaborou como persoal investigador en diversas publicacións de análise do tecido empresarial en Galicia, entre os anos 2003 e 2005. De 2005 a 2009 residiu na cidade de São Paulo, publicando na Universidade Mackenzie un traballo sobre a estratexia da compañía Philips na implantación da televisión dixital no Brasil. Foi neste período onde puido perfeccionar o seu coñecemento do portugués, malia ter tido un contacto constante con esta lingua a través da música e a literatura, ademais de ter realizado estudos formais durante tres anos.

Nos seus anos en Brasil recibiu tamén unha importante influencia da heranza africana no país a través da capoeira, que o levou a formar parte da Academia de estudos da Capoeira Angola João

A importância de se chamar António

Xacobe García

CADERNOS PLATTA

Os CADERNOS PLATTA nacen directamente ligados ao Premio Platta de Teatro Breve impulsado desde a Plataforma Transfronteiriza de Teatro Amador que conforman a ***erregueté – Revista Galega de Teatro***, a Federación Galega de Teatro Afeccionado, a Federación de Grupos Aficionados de Teatro de Castilla y León e o Teatro do Noroeste-Centro Dramático de Viana do Castelo /TEIA - Teatro em Iniciativa Associativa.

O Premio naceu como resposta natural á demanda de textos cos que nutrit os obreiros de lecturas dramatizadas en tres linguas (galego, castelán e portugués) que cada ano se celebran no marco dos festivais transfronteirizos da Plataforma e ten como obxectivo estimular a escrita teatral, promover a súa tradución e contribuír á súa difusión.

Para este I Premio Platta de Teatro Breve – Portugal, o terceiro dos tres que se celebran cada ano, o jurado estivo composto polo dramaturgo Zé Paredes, a ensinante Rosa Estévez e o actor Lois Soaxe, actuando como secretario con voz pero sen voto Pedro Pablo Riobó. Entre as obras presentadas a concurso, o xuri escolleu como gañadora a peza *A importânciade se chamar António*, de Xacobe García, que temos o pracer de presentar a continuación e coa que continuamos esta nova liña de difusión da dramaturxia contemporánea.

A importância de se chamar António

Xacobe García

CENA 1

Balcão de um edifício público. Um rececionista sentado à frente de um computador com ar atarefado. Aparece António, que hesita entre falar e aguardar para ser atendido. No momento em que começa a pronunciar um «Bom...», o empregado levanta a mão para o calar. Passam uns segundos até que a torna a baixar.

RECECIONISTA: Em que posso ajudar?

ANTÓNIO: Bom dia. Eu gostaria de saber como posso fazer para mudar o meu nome.

RECECIONISTA (*olhando para ele uns segundos*): Qual é o seu nome?

ANTÓNIO: António Rodrigues Pereira.

RECECIONISTA: Sexo?

ANTÓNIO: Como assim?

RECECIONISTA: O senhor é uma mulher? Ou quer virar mulher?

ANTÓNIO: É claro que não. Sou homem... e queria ficar homem, mesmo.

RECECIONISTA: Então só muda o nome... (*apontando num papel*). O que é que tem o nome de errado?

ANTÓNIO: Ora! Eu acho que não preciso responder essa pergunta, preciso?

RECECIONISTA: Não fique zangado, eu apenas pergunto para saber se o senhor quer alterar só a forma de escrever «António» ou quer mudar para um nome totalmente diferente. O senhor não faz ideia de quantas pessoas já cá vieram porque foram inscritos no Registo como «Anthónio» (com agá) ou Amtónio (com eme)...

ANTÓNIO: Não. O meu nome é o António «normal». Não tem gralha nenhuma. Mas eu gostaria que as pessoas me chamassem de Cláudio.

RECECIONISTA (*repetindo o nome com um ar de troça*): Cláudio... E o senhor achou melhor que António...

ANTÓNIO (*começando a mostrar irritação*): Achei. O senhor importa-se de me indicar o procedimento? Estou com um bocado de pressa, só paguei meia hora de estacionamento.

RECECIONISTA (*com ar de não ter gostado da exigência*): Se o senhor me tivesse explicado tudo desde o começo, ter-lhe-ia entregado o impresso no momento (*colocando um papel verde em cima do balcão*). Faça o favor de preencher com letra maiúscula e apresentá-lo no segundo andar, na área de «Modificações».

António faz intenção de pegar no papel para ir embora, mas o rececionista segura o impresso enquanto levanta a outra mão indicando que ainda não acabou.

RECECIONISTA (*colocando um novo impresso, este amarelo*): Antes, o senhor precisa também preencher este impresso com letra maiúscula e levar para a área de «Verificações». Eles irão providenciar uma certidão de idoneidade que precisa entregar junto com o impresso verde.

ANTÓNIO: Idoneidade? Quer dizer isso que a Administração precisa comprovar que eu não estou maluco?

RECECIONISTA (*com sorriso fingido*):

Infelizmente não temos a capacidade para determinar uma coisa assim. A Administração só verifica que o nome não seja ofensivo.

ANTÓNIO: Mas como pode «Cláudio» ser ofensivo?

RECECIONISTA: Isso eu não sei, não é da minha competência. Mas o senhor pode garantir que «Cláudio» não seja uma palavra tabu no Cazaquistão, por exemplo? Nesta sociedade globalizada não podemos dar nada por certo...

António abre a boca como que para responder alguma coisa, mas simplesmente exala o ar pelo nariz. Olha para o seu relógio e tenta pegar nos dois papéis. De novo o empregado repete a indicação anterior para que aguarde.

RECECIONISTA (*colocando desta vez um impresso azul*): Tendo em conta que a vontade do senhor (que ninguém aqui na Administração questiona, devo dizer) não é outra que a de abrir mão de forma definitiva do nome «António»... (*pausa para tomar ar*) é preciso preencher este formulário que deverá ser apresentado na área de «Anulações» com o intuito de evitar o uso indevido do nome ao qual se renunciou.

ANTÓNIO (*reprimindo o impulso de contestar e depois de uma pausa*): Posso?

RECECIONISTA (*tirando a mão a pilha de impressos*): Se faz favor. Há outras pessoas à espera.

CENA 2

Uma mulher jovem fica sentada atrás de uma secretária comprida sobre a qual se vê o computador, um portaretratos e uma placa que diz «Anulações». Quando António entra na sala, a mulher está a escrever qualquer coisa no seu telemóvel.

ANTÓNIO: Bom dia.

EMPREGADA (*sem tirar o olhar do telemóvel*): Bom dia!

ANTÓNIO: Dei entrada a um procedimento para trocar de nome e indicaram-me que precisava vir aqui para anular o actual.

EMPREGADA: Com certeza. O senhor pode sentar, se quiser.

ANTÓNIO: É muito demorado? Preciso de tirar o meu carro daqui a uns minutos...

EMPREGADA: Pode ficar tranquilo, é um procedimento bem rápido! Apagar é uma coisa quase instantânea, imperceptível, indolor. Muito diferente do ato de criar, que pode levar anos. Já pensou no imenso trabalho que supõe cozinhar para uma família de sete pessoas e de que forma a comida acaba, em questão de minutos?

ANTÓNIO: Eu sou solteiro e mal sei cozinhar.

EMPREGADA: Eu também não cozinham, mas lembro-me do meu avô quando eu era criança, que passava a manhã inteira a fazer pão no forno. E nem tempo dava para arrefecer que o pão já tinha desparecido.

ANTÓNIO: Acontece.

EMPREGADA (*sem perceber que António não queria saber mais da história familiar*): O coitado do avô nunca chegava a provar o próprio pão. Mesmo assim, nunca se irritava: ele tinha um sorriso desenhado sempre no rosto.

ANTÓNIO: Ahã.

EMPREGADA: Ele parecia feliz vendo as crianças todas em volta dele... mas não era.

ANTÓNIO (*resignado*): Não?

EMPREGADA: Um dia ele apareceu pendurado do teto. Ninguém soube o porquê. E aí acabou o pão dos sábados. (*Pausa triste*). Viu? Também a vida se apaga rápido. No entanto, precisamos de nove meses para nascer.

ANTÓNIO: É... O impresso é este aqui.

A mulher coloca-o no scanner e depois de uns segundos coça a cabeça inquieta.

EMPREGADA: Há um problema qualquer com o ficheiro. O senhor poderia ler-me os dados para irmos mais rápido?

ANTÓNIO: Com certeza. O nome seria «António», e apelido «Rodrigues Oliveira».

EMPREGADA (*com surpresa trágica*): António? Igual ao avô...

ANTÓNIO: É um nome muito comum.

EMPREGADA (*deixando o computador e olhando fixamente a António*): Agora eu entendi. O senhor achou António um nome ordinário demais. Há tantos neste país que achou triste ser qualquer um,

um cidadão anónimo que não nasceu para ser lembrado...

ANTÓNIO: Não é bem assim...

EMPREGADA (*pegando no porta-retratos e mostrando-o com raiva*): Mas este homem nunca se importou com o nome. Ele trabalhou a vida toda e por isso mesmo irá ficar sempre na lembrança daqueles que o conhecemos. Ele será sempre «o vovó António», mesmo para os netos dos meus netos! Talvez nessa época ninguém se chame mais assim, se todo o mundo fizer como o senhor...

ANTÓNIO: Olhe, eu acho que deveria voltar noutra altura. Aliás o meu carro...

EMPREGADA (*imitando a António*): «O meu carro, o meu carro...» Só isso importa hoje, os bens materiais, viver a vida a correr. Fazer e desfazer. Todo o dia vejo a mesma coisa, pessoas que vêm aqui achando que os seus erros podem ser emendados por um funcionário público. Dê-me isso...

A empregada tira o formulário das mãos de António e digita freneticamente no seu teclado. António olha para a porta, hesitando, mas acaba por ficar.

EMPREGADA (*tocando com força na última tecla*): Pronto! O senhor não é mais António. Bom dia.

A empregada põe sobre a mesa o comprovativo do trâmite. No momento que António estende a mão para apanhá-lo, ela coloca energicamente o carimbo no papel, acertando quase nos dedos

dele. Finalmente, António sai da sala com a folha.

ANTÓNIO: António

A velha repete-o para si.

CENA 3

António entra na sala de Verificações onde um homem corpulento conversa com uma mulher de idade.

EMPREGADO:... é assim mesmo, agora parece que virou moda.

VELHA: Eu não entendo como uma pessoa adulta pode acreditar nessas maluquices.

EMPREGADO: Ele não enxerga o problema, só o dinheiro...

ANTÓNIO: Bom dia, desculpem a interrupção. É aqui a sala de Verificações?

EMPREGADO (*indicando com o dedo uma pequena placa no bolso da sua camisa*): Isso foi o que me disseram quando me contrataram. E o senhor precisa que eu comprove alguma coisa...

ANTÓNIO: ... se não for um procedimento muito demorado. O meu carro já passou da hora no estacionamento e deveria ir retirá-lo.

A velha fica a olhá-lo de boca aberta, como se não tivesse força para fechá-la.

EMPREGADO: Olhe, isso eu não sei dizer. Depende do que o senhor quiser verificar; pode ser uma questão de segundos... ou pode demorar a manhã inteira.

ANTÓNIO: É o meu nome, que eu queria trocar para um novo.

EMPREGADO: Qual é?

EMPREGADO: Nossa Senhora! Procurar esse nome... eu já aviso que não vai ficar comprovado hoje, talvez precise voltar ao final do mês. Vão ser milhares de resultados, certamente vai ter alguém que se chame assim. E se essa pessoa não quer renunciar ao nome dela, teria que passar ao tribunal para determinar quem tem o direito preferencial segundo os méritos acumulados...

ANTÓNIO: Não, calma. António era o meu nome até hoje. Eu vou trocar para Cláudio.

A velha, que se colocou detrás de António repete o nome para si.

EMPREGADO: Ah (*tornando do estado de exaltação anterior*). O que é que tem «António» de errado?

ANTÓNIO (*começando a ficar nervoso*): Não tem nada. NADA errado. Simplesmente eu não me identifico com esse nome. Pronto.

O empregado e a velha olham-se um momento e estalam numa risada simultânea, que dura uns segundos. Depois voltam repentinamente ao estado anterior.

EMPREGADO: O senhor está certo. A identidade é tudo na vida de uma pessoa. Porque ficar preso no nome que nos deram quando a Administração

oferece a possibilidade de trocar? «Cláudio» tem reminiscências imperiais. É uma boa escolha.

A velha foi saindo da sala e fica só António com o empregado, que procura no seu computador. António olha o relógio impaciente.

EMPREGADO: Há Cláudio (com acento) e Claudio (sem ele). Qual é que o senhor prefere?

ANTÓNIO: Com acento. Porque é que as pessoas hoje querem tirar o acento de tudo?

EMPREGADO: É assim mesmo, agora parece que virou moda...

Os dois ficam sorrindo imóveis por alguns segundos.

EMPREGADO: Bom. Cá está o seu formulário carimbado. Só precisa de o levar para o andar de cima.

ANTONIO: Tenho de o fazer hoje? Como eu já disse antes, o meu carro...

EMPREGADO: Infelizmente, agora que já começou deve completar o processo. Mas não fique preocupado, este é o melhor horário para dar entrada à documentação na área de «Modificações».

ANTÓNIO (*depois de duvidar uns segundos*): Ok. Está bem.

VELHA: Bom dia.

ANTÓNIO: A senhora é que é a empregada daqui?

VELHA: Bom dia.

ANTÓNIO: Não era altura para a senhora já estar reformada?

VELHA: Bom dia.

ANTÓNIO (*suspirando e entregando os papeis à mulher*): Bom dia...

VELHA (*chegando a boca perto de um microfone e lendo*): Mudança de nome. Mantém apelido: Rodrigues Pereira. Anulado: António (com acento). Verificado: Cláudio (com acento).

ANTÓNIO (*com ar surpreso*): A senhora está a processar o pedido via rádio?

VELHA: Não (*rindo*). Está desligado. Quem sabe se um dia não faremos dessa forma? Por enquanto é apenas carimbar.

ANTÓNIO: Que bom! Se der sorte ainda evito a multa de estacionamento.

VELHA: Mas antes o senhor deverá preencher o campo de «motivos».

ANTÓNIO: É obrigatório indicar uma razão? Não chega com eu querer?

VELHA: É uma formalidade. Se não justificar, pode ser que amanhã o senhor se arrependa de ter trocado; mas quando existe um motivo é mais difícil que isso aconteça.

ANTÓNIO: E se for por uma circunstância pessoal que eu prefiro não compartilhar?

VELHA: Toda a documentação é confidencial. Ninguém vai saber disto além do senhor. E do Senhor... (*indicando o teto da sala*).

ANTÓNIO: E da senhora...

VELHA (*rindo*): Eu sou apenas uma

CENA 4

Área de modificações. A mesma mulher idosa da cena anterior aguarda atrás do balcão.

velha coitada. Quem sabe se não estrei já morta quando o senhor chegar a casa à noite? Ora essa...

ANTÓNIO (*hesitando*): Eu... apaixoneime por uma mulher e ela acha que me chamo Cláudio...

VELHA: É claro... uma história de amor. Mas porque lhe ocultou o seu nome real? Se eu posso saber...

ANTÓNIO: A gente conheceu-se por acaso numa festa. Ela perguntou-me se eu me chamava Cláudio, porque uma vidente tinha-lhe dito que conheceria a uma pessoa com esse nome que mudaria a sua vida.

VELHA: Eu não entendo como uma pessoa adulta pode acreditar nessas maluquices.

Os dois ficam olhando-se imóveis por alguns segundos.

ANTÓNIO: Eu gostei muito dela e achei uma boa oportunidade para fazer com que ela se interessasse por mim. E deu certo! Já faz um ano que namoramos.

VELHA: E se o senhor conseguiu manter a mentira este tempo todo, porque resolveu mudar o nome agora?

ANTÓNIO: Porque ficamos noivos no mês passado e não quero que ela descubra na hora de assinar os papéis no dia do casamento. A senhora entende o problema?

VELHA: Entendo. Se ela soubesse que o senhor é António, acharia que ainda tem um Cláudio aguardando por ela e perderia o interesse pelo senhor. Mas já pensou na possibilidade de simples-

mente acrescentar Cláudio como segundo nome?

ANTÓNIO: António Cláudio? (*olhando para o chão*). É... Desse jeito poderia seguir sendo Cláudio para ela e António para o resto do mundo, sem medo a ser descoberto. Muito obrigado, a senhora teve uma ótima ideia!

Sai correndo sem ver que a velha tinha aberto a boca para acrescentar alguma coisa.

CENA 5

Sala de anulações. A mesma empregada da Cena 2 recebe a António com um olhar pouco amigável.

ANTÓNIO: Bom dia! Eu gostaria de anular a anulação do meu nome.

EMPREGADA (*com ar ofendido*): Anular uma anulação? O senhor é ciente do disparate que está dizer? Não é possível anular uma anulação! O que foi apagado já não volta mais.

ANTÓNIO: Então eu já não me chamo mais António? Não posso recuperar meu nome?

VELHA (*que acaba de entrar na sala*): Isso é o que ia dizer, mas o senhor não me deu tempo. Se quiser ficar Cláudio António, tem de começar uma nova tramitação no balcão da entrada.

EMPREGADA (*falando para ela própria*): Cláudio António, que coisa ridícula...

ANTÓNIO: Ora, tanto faz. Eu fico Cláudio mesmo. É quase meio-dia e o

meu carro deve ter já uma multa enorme.

VELHA: Mas o senhor não completou o processo de modificação...

ANTÓNIO: Ah, não? Que coisa complexa, fazer esta troca de nome foi uma ideia bem idiota... Está bem, vamos lá completar a modificação.

EMPREGADA: Ele não enxerga o problema...

ANTÓNIO (*interrompendo, irritado*): Não se importa? Estou a falar com a sua colega.

VELHA: O senhor não pode continuar a modificação depois de ter abandonado o processo pela metade. Precisa iniciar de novo.

ANTÓNIO: Quer dizer preencher novamente o impresso verde?

EMPREGADA: O verde, o azul e o amarelo. É o que diz o regulamento.

ANTÓNIO: Isso é uma tolice! E se eu me negar?

VELHA: O senhor não pode negar-se... precisa de seguir esse procedimento se quiser trocar de nome.

ANTÓNIO: Mas eu não vou trocar de nome. A senhora disse que eu não sou mais António (*olhando para a empregada*). E a senhora (*olhando para a velha*) disse que eu nunca cheguei a ser Cláudio. Ou seja, que neste momento não tenho nome nenhum.

EMPREGADA (*trocando olhares nervosos com a velha*): Ora essa! É claro que tem um nome...

HOMEM SEM NOME (*desafiante*): Qual?

EMPREGADA: Bem, oficialmente não tem nenhum, mas isso não é impedi-

mento para solicitar um novo. O procedimento é o mesmo. Deixe que eu o ajude a preencher os papeis... Qual é o nome que o senhor quer colocar?

HOMEM SEM NOME: Agora já não me interessa. Eu vou buscar o meu carro e que a multa seja António quem a pague!

O homem sem nome sai da sala enquanto a velha começa a consultar um livro e a empregada digita um número no seu telefone.

CENA 6

O rececionista da primeira cena vê como o homem sem nome chega ao pé da porta e tenta abri-la sem sucesso.

RECECIONISTA: Desculpe, mas essa porta é apenas para entrar. Se está a procurar a porta de saída, fica do outro lado da sala.

HOMEM SEM NOME: Do outro lado... vamos lá.

RECECIONISTA: Mas antes de sair, o senhor precisa de se identificar.

HOMEM SEM NOME: Porque? Eu já fiz isso no momento de aceder ao prédio!

RECECIONISTA: Exatamente por essa razão: a administração precisa ter certeza de que as pessoas que entraram também abandonaram as nossas instalações.

HOMEM SEM NOME: Sou António Rodrigues Pereira. O senhor deve lembrar-se de mim.

RECECIONISTA: Infelizmente são mui-

tas pessoas que passam aqui a cada hora. Posso ver o seu documento de identidade?

EMPREGADA (*irrompendo na sala*): Não vai poder porque ele não tem mais esse nome. Nem tem qualquer outro! RECECIONISTA: Senhor doutor, não pode ficar sem nome! Nessas condições o senhor não pode ser autorizado a deixar o prédio.

HOMEM SEM NOME (*desafiante*): Eu preciso tanto da sua autorização como de um nome!

O homem sem nome pega numa cadeira e começa a bater com ela na porta, com o objetivo de derrubá-la. Vendo a cena, o rececionista avisa aos seguranças, que levam ao homem sem nome para fora.

RECECIONISTA: Vão levá-lo para a prisão?

EMPREGADA: Acho que sim, mas ele não pode ser julgado sem nome. Vai

precisar de novo requerimento, mais tarde ou mais cedo.

RECECIONISTA: E se ele continuar a negar-se?

EMPREGADA: Então ele vai ficar preso por tempo indefinido.

RECECIONISTA: Mas isso é legal? Um cidadão não tem direitos que o protegem?

EMPREGADA: Um cidadão tem direitos. E também tem um nome. Porém, não tendo nome, como poderia reclamar os seus direitos?

RECECIONISTA: Mas seria realmente possível fazer o pedido de um novo nome se não se tem um? Como poderia se preencher o formulário, sendo que o apartado do nome é obrigatório?

EMPREGADA: Pois... isso eu não sei...

O rececionista e a empregada, que tinham ido caminhando até um lado da cena enquanto conversavam, saem definitivamente.

FIN

A importância de chamarse Antonio

Xacobe García

ESCENA 1

Mostrador dun edificio público. Un recepcionista sentado diante dun computador con cara de estar atarefado. Aparece Antonio, que dubida entre falar e agardar para ser atendido. No momento no cal comeza a pronunciar un «Bo...», o empregado alza a man para facelo calar. Pasan uns segundos ata que a baixa de novo.

RECEPCIONISTA: Dígame

ANTONIO: Bo día. Gustaríame saber como podo facer para cambiar o meu nome.

RECEPCIONISTA (*ollando para el uns intres*): Cal é o seu nome?

ANTONIO: Antonio Rodrigues Pereira.

RECEPCIONISTA: Sexo?

ANTONIO: Perdoe?

RECEPCIONISTA: Vostede é unha muller? Ou quere converterse en muller?

ANTONIO: Abofé que non. Son un home... e quería quedarme como son.

RECEPCIONISTA: Entón só cambia o nome...*(apuntando nun papel)* Que problema ten o seu nome?

ANTONIO: Arre carallo! Creo que non necesito responder a esa pregunta, non si?

RECEPCIONISTA: Non se alporice, eu só pregunto para saber se vostede quere alterar só a forma de escribir «Antonio» ou quere trocalo por un nome totalmente diferente. Vostede non se imaxina cantas persoas pasaron xa por aquí porque os inscribiron no

Rexistro como «Anthonio» (con hache) ou Amtonio (con eme)...

ANTONIO: Non. O meu nome é o Antonio «normal». Non ten erro ningún. Pero a min gustaríame que as persoas me chamasen Claudio.

RECEPCIONISTA (*repetindo o nome cun ton de burla*): Claudio... E parécelle mellor que Antonio...

ANTONIO (*comezando a mostrar irritación*): Paréceme. Impórtalle indicarme o procedemento? Estou cun chisco de presa, só paguei media hora de estacionamento.

RECEPCIONISTA (*con cara de non terlle gustado a esixencia*): Se me tivese explicado todo dende o comezo, teríalle entregado o impreso ao momento (pondo un papel verde sobre o mostrador). Faga o favor de cubrir con letra maiúscula e presentalo no segundo andar, na área de «Modificacións».

Antonio intenta coller o papel para irse, pero o recepcionista terma do impreso mentres levanta a outra man indicando que ainda non rematou.

RECEPCIONISTA (*sacando un novo impreso, esta vez amarelo*): Antes, ten que cubrir tamén este impreso con letra maiúscula e levalo á área de «Verificacións». Alí vanlle facilitar un certificado de idoneidade que precisa entregar xunto co impreso verde.

ANTONIO: Idoneidade? Quere dicir iso que a Administración precisa comprobar que non estou tolo?

RECEPCIONISTA (*con sorriso finxido*): Por desgraza non temos a capacidade

para determinar unha cousa así. A Administración só verifica que o nome non sexa ofensivo.

ANTONIO: Pero por que ía ser «Claudio» ofensivo?

RECEPCIONISTA: Iso eu non o sei, non é da miña competencia. Pero vostede pode garantir que «Claudio» non sexa unha palabra tabú en Casaquistán, por exemplo? Nesta sociedade globalizada non podemos dar nada por sentado...

Antonio abre a boca como para responder algúnsa cousa, pero simplemente exhala o aire polo nariz. Olla o seu reloxo e intenta coller os dous papeis. De novo o empregado repite a indicación anterior para que agarde.

RECEPCIONISTA (*sacando desta vez un impreso azul*): Tendo en conta que a súa vontade (que ningúen aquí na Administración cuestiona, debo dicir) non é outra que a de renunciar de forma definitiva ao nome «Antonio»... (*pausa para tomar aire*) é preciso cubrir este formulario que deberá ser presentado na área de «Anulacións co propósito de evitar o uso indebido do nome ao cal se renunciou.

ANTONIO (*reprimindo o impulso de contestar e despois dunha pausa*): Podo?

RECEPCIONISTA (*quitando a man a pila de impresos*): Se fai o favor. Hai outras persoas agardando.

ESCENA 2

Unha muller nova está sentada detrás dunha longa mesa sobre a cal se ve o computador, un porta-retratos e unha placa que di «Anulacións». Cando Antonio entra na sala, a muller está a escribir algo no seu móvil.

ANTONIO: Bo día.

EMPREGADA (*sen quitar o ollar do móvil*): Bo día!

ANTONIO: Inicie os trámites para cambiar de nome e indicáronme que tiña que vir aquí para anular o actual.

EMPREGADA: Como non. Pode sentar, se quere.

ANTONIO: Tarda moito? Preciso mover o meu coche nuns minutos...

EMPREGADA: Quede tranquilo, é un procedemento ben rápido! Borrar é algo case instantáneo, imperceptible, indoloro. Moi diferente do acto de crear, que pode levar anos. Xa pensou no enorme traballo que supón cociñar para unha familia de sete persoas e de que xeito a comida acaba, en cousa de minutos?

ANTONIO: Son solteiro e mal sei cociñar.

EMPREGADA: Eu tampouco cociño, pero lémbrome do meu avó cando eu era nena, que pasaba a mañá enteira facendo pan no forno. E decontado desaparecía todo, case sen tempo para arrefecer.

ANTONIO: Adoita pasar.

EMPREGADA (*sen percibir que Antonio non quería saber máis da historia familiar*): O malpocado do avó nunca chegaba a probar o seu propio

pan. Mesmo así, nunca se irritaba: sempre tiña un sorriso debuxado na faciana.

ANTONIO: Ahá.

EMPREGADA: Parecía feliz vendo a rapazada toda ao redor del... pero non o era.

ANTONIO (*resignado*): Non?

EMPREGADA: Un día apareceu pendurado do teito. Ninguén soubo nunca por que. E así rematou o pan dos sábados. (*Pausa triste*). Decátase? Tamén a vida desaparece rápido. En troques, necesitamos nove meses para nacer.

ANTONIO: Si... O impreso é este.

A muller colócao no escáner e despoxi duns segundos raña a cabeza inquieta.

EMPREGADA: Hai algúñ problema co ficheiro. Podería lerme os datos para irmos máis rápido?

ANTONIO: Encantado. O nome sería «Antonio», e sobrenome «Rodrigues Oliveira».

EMPREGADA (*con sorpresa tráxica*): Antonio? Igual có avó...

ANTONIO: É un nome moi común.

EMPREGADA (*deixando o computador e ollando fixamente a Antonio*): Agora o entendo todo. Antonio parecíalle un nome ordinario de más. Hai tantos neste país que lle resultaba triste ser un calquera, un cidadán anónimo que non naceu para ser lembrado...

ANTONIO: Non é así o conto...

EMPREGADA (*collendo o porta-retratos e mostrándoo con rabbia*): Pero a este home nunca lle importou o nome. El traballou a vida toda e por iso mesmo

quedará para sempre na lembranza daqueles que o coñecemos. Sempre será «o avó Antonio», mesmo para os netos dos meus netos! Talvez nesa época ninguén se chame máis así, se todo o mundo fixer como vostede...

ANTONIO: Mire, creo que debería volver noutro momento. Ademais o meu coche...

EMPREGADA (*imitando a Antonio*): «O meu coche, o meu coche...» Iso é o único que importa hoxe, os bens materiais, vivir a vida ás presas. Facer e desfacer. Todo o día vexo o mesmo, persoas que veñen aquí pensando que os seus erros poden ser emendados por un funcionario. Déame iso...

A empregada quítalle o formulario das mans a Antonio e teclea freneticamente. Antonio mira de esguello para a porta, dubidando, pero acaba por quedar.

EMPREGADA (*premendo con forza a última tecla*): Listo! Vostede xa non é Antonio. Bo día.

A empregada pon sobre a mesa o comprobante do trámite. No momento que Antonio estende a man para collelo, ela estampa un selo no papel con enerxía, dándolle case nos dedos. Finalmente, Antonio sae da sala coa folla.

ESCENA 3

Antonio entra na sala de Verificacións onde un home corpulento fala cunha muller maior.

EMPREGADO: ... é así, agora parece que se puxo de moda.

VELLA: O que eu non entendo é como unha persoa adulta pode crer nesas tolarías.

EMPREGADO: Non ve o problema, só o diñeiro...

ANTONIO: Bo día, desculpen a interrupción. É aquí a sala de Verificacións?

EMPREGADO (*indicando co dedo unha pequena placa no bolso da súa camisa*): Iso foi o que me dixeron cando me contrataron. E vostede necesita que eu comprobe algo...

ANTONIO: ... se non for un procedemento moi longo. O meu coche xa pasou da hora no estacionamento e debería ir retiralo.

A vella quedaselle mirando coa boca aberta, como se non tivese forza para pechala.

EMPREGADO: Mire, iso eu non sei dicirlo. Depende do que vostede quiera verificar; pode ser unha cuestión de segundos... ou pode levar a mañá enteira.

ANTONIO: É o meu nome, quería cambialo por un novo.

EMPREGADO: Cal é?

ANTONIO: Antonio.

A vella repíteo para si mesma.

EMPREGADO: Mi madriña! Para buscar ese nome... xa lle aviso que non vai quedar comprobado hoxe, talvez necesite volver ao final do mes. Seguro que hai miles de resultados e

certamente vai haber alguén que se chame dese xeito. E se esa persoa non quere renunciar ao seu nome, teríamos que derivar o caso a un tribunal para determinar quen ten o derecho preferente segundo os méritos acumulados...

ANTONIO: Non, acougue. Antonio era o meu nome ata hoxe. Quero cambialo por Claudio.

A vella, que se colocou detrás de Antonio repite o nome para si misma.

EMPREGADO: Ah (*volvendo do estado de exaltación anterior*). E que problema ten «Antonio»?

ANTONIO (*comezando a poñerse nervioso*): Non ten ningún. NINGÚN. Simplemente non me identifico con ese nome. Máis nada.

O empregado e a vella míranse durante uns intres e estalan nunha gargalada simultánea, que dura uns segundos. Despois volven repentinamente ao estado anterior.

EMPREGADO: Ten vostede razón. A identidade é todo na vida de unha persoa. Por que quedar preso no nome que nos deron cando a Administración ofrece a posibilidade de cambialo? «Claudio» ten reminiscencias imperiais. É unha boa escolla.

A vella foi saíndo da sala e queda só Antonio co empregado, que procura no seu computador. Antonio mira o reloxo impaciente.

EMPREGADO: Hai Cláudio (con til no a) e Claudio (sen el). Cal prefire vostede?

ANTONIO: Sen til. Por que a xente hoxe se obceca en pórille til a todo?

EMPREGADO: É así, agora parece que se puxo de moda...

Os dous quedan sorrindo inmóbiles por algúns segundos.

EMPREGADO: Ben. Aquí está o seu formulario selado. Só precisa levalo para o andar superior.

ANTONIO: Teño que facelo hoxe? Como xa dixen antes, o meu coche...

EMPREGADO: Por desgraza, agora que xa comezou debe completar o proceso. Pero non se preocupe, este é o mellor horario para entregar documentación na área de «Modificacións».

ANTONIO (*despois de dubidar uns segundos*): Vale. De acordo...

ESCENA 4

Área de modificacións. A mesma anciada escena anterior agarda detrás do mostrador.

VELLA: Bo día.

ANTONIO: É vostede a funcionaria deste departamento?

VELLA: Bo día.

ANTONIO: Non debería estar xubilada xa?

VELLA: Bo día.

ANTONIO (*suspirando e entregando os papeis á muller*): Bo día...

VELLA (*achegado a boca a un micrófono e lendo*): Cambio de nome. Mantén apelido: Rodrigues Pereira. Anulado: Antonio (sen til). Verificado: Claudio (sen til).

ANTONIO (*sorprendido*): Está a tramitar a solicitude por radio?

VELLA: Non (*rindo*). Está apagado. Quen sabe se algún día non o faremos dese xeito? De momento só é necesario pór un sello.

ANTONIO: Menos mal! Cun pouco de sorte ainda evito a multa de aparcamento.

VELLA: Pero antes terá cubrir o campo de «motivos».

ANTONIO: É obrigatorio indicar unha razón? Non é suficiente «por que me peta»?

VELLA: É unha formalidade. Se non o xustifica, pode ser que mañá se arrepinta de telo trocado; pero cando existe un motivo é máis difícil que iso suceda.

ANTONIO: E se fose por unha circunstancia persoal que non quero compartir?

VELLA: Toda a documentación é confidencial. Ningún vai saber disto alén de vostede. E de El... (*sinalando o teito da sala*).

ANTONIO: E de vostede...

VELLA (*rindo*): Eu son só unha vella coitada. Quen sabe se non estarei xa morta cando vostede chegue a casa esta noite? Veña ho...

ANTONIO (*dubidando*): Eu... namorei-me dunha muller e ela cre que me chamo Claudio...

VELLA: Pois claro... unha historia de amor. Pero por que lle ocultou o seu nome real? Se pode saberse...

ANTONIO: Coñecémonos de casualidade nunha festa. Ela preguntoume se me chamaba Claudio, porque unha vidente lle dixera que coñecería a unha persoa con ese nome que lle cambiaría a vida.

VELLA: O que eu non entendo é como unha persoa adulta pode crer nesas tolarías.

Os dous quedan mirándose inmóviles por algúns segundos.

ANTONIO: Namoreime dela no primeiro momento e pareceume unha boa oportunidade para facer que ela se interesase por min. E funcionou! Xa fai un ano que andamos de namoros.

VELLA: E se consegui manter a mentira este tempo todo, porque decidiu cambiar o nome xusto agora?

ANTONIO: Porque nos prometemos o mes pasado e non quero que o descubra no día da voda ao ir asinar os papeis. Entende o problema?

VELLA: Entendo. Se ela soubese que vostede é Antonio, pensaría que áinda hai un Claudio por aí agardando por ela e perdería o interese por vostede. Pero non pensou na posibilidade de engadir simplemente Claudio como segundo nome?

ANTONIO: Antonio Claudio? (*ollando para o chan*). Claro... Dese xeito podería seguir sendo Claudio para ela e Antonio para o resto do mundo, sen medo a ser descuberto. Moitas grazas, tivo vostede unha idea excelente!

Sae correndo sen ver que a vella tiña aberto a boca para engadir algo.

ESCENA 5

Sala de anulacións. A mesma empregada da Escena 2 recibe a Antonio cunha mirada de poucos amigos.

ANTONIO: Bo día! Gustaríame anular a anulación do meu nome.

EMPREGADA (*con aire ofendido*): Anular unha anulación? É vostede consciente do disparate que está a dicir? Non é posible anular unha anulación! O que foi borrado xa non volve.

ANTONIO: Entón xa non me chamo Antonio? Non podo recuperar o meu nome?

VELLA (*que acaba de entrar na sala*): Iso é o que ía dicir, pero vostede non me deu tempo. Se quere quedar como Claudio Antonio, ten de comezar unha nova tramitación no mostrador da entrada.

EMPREGADA (*falando para si mesma*): Claudio Antonio, que ridículo...

ANTONIO: A cona, xa me dá igual. Quédome como Claudio. Xa son case as doce e o meu coche debe ter unha multa quilométrica.

VELLA: Pero vostede non completou o proceso de modificación...

ANTONIO: Ai non? Que complicado é todo, tramitar este cambio de nome foi unha verdadeira parvada... Está ben, imos completar a modificación.

EMPREGADA: Non ve o problema...

ANTONIO (*interrompendo, irritado*): Faime o favor? Estou a falar coa súa compañoira.

VELLA: Vostede non pode continuar a modificación despois de ter abandonado

do o proceso pela metade. Necesita iniciala de novo.

ANTONIO: Quere dicir que teño que cubrir outra vez o impreso verde?

EMPREGADA: O verde, o azul e o amarelo. É o que di o regulamento.

ANTONIO: Iso é unha tolaría! E se me nego?

VELLA: Vostede non pode negarse... é preciso seguir ese procedemento se quere cambiar de nome.

ANTONIO: Pero eu non vou cambiar de nome. Vostede dixo que xa non son Antonio (*mirando á empregada*). E vostede (*mirando á vella*) dixo que nunca chegou a ser Claudio. Ou sexa, que neste momento non teño nome ningún.

EMPREGADA (*intercambiando miradas nerviosas coa vella*): Veña, ho! Claro

que ten vostede un nome...

HOME SEN NOME (*desafiante*): Cal?

EMPREGADA: Ben, oficialmente non ten ningún, pero iso non lle impide para solicitar un novo. O procedemento é o mesmo. Deixe que eu lle axude a cubrir os papeis... Que nome quere vostede pór?

HOME SEN NOME: Agora xa non me interesa. Eu vou recuperar o meu coche e que a multa a pague Antonio!

O home sen nome sae da sala mentres a vella comeza a consultar un libro e a empregada teclea un número no seu teléfono.

como o home sen nome camiña ata a porta e tenta abrila sen éxito.

RECEPCIONISTA: Desculpe, pero esa porta é só para entrar. Se está a procurar a porta de saída, queda do outro lado da sala.

HOME SEN NOME: Do outro lado... imos aló.

RECEPCIONISTA: Pero antes de saír, vostede precisa identificarse.

HOME SEN NOME: Por que? Xa o fixen no momento de acceder ao edificio!

RECEPCIONISTA: Exactamente por ese motivo: a administración necesita asegurarse de que as persoas que entran tamén abandonan as nosas instalacións.

HOME SEN NOME: Son Antonio Rodrigues Pereira. Seguro que se lembra de min.

RECEPCIONISTA: Por desgraza son moitas persoas as que pasan por aquí cada hora. Podo ver o seu documento de identidade?

EMPREGADA (*irrompendo na sala*): Non vai poder porque el non xa ten ese nome. Nin ningún outro!

RECEPCIONISTA: Meu señor, non pode andar por aí sen nome! Nelas condicións vostede non pode ser autorizado a deixar o edificio.

HOME SEN NOME (*desafiante*): Faime tanta falta a súa autorización como un nome!

ESCENA 6

O recepcionista da primeira escena ve

O home sen nome colle unha cadeira e comeza a bater con ela a porta, co obxectivo de derrubala. Vendo a esce-

na, o recepcionista avisa aos gardas de seguridade, que se levan ao home sen nome.

RECEPCIONISTA: Van levalo para o cárcere?

EMPREGADA: Iso creo, pero non poden xulgalo sen nome. Necesitará tramitar unha nova solicitude, tarde ou cedo.

RECEPCIONISTA: E se segue a negarse?

EMPREGADA: Entón quedaría preso por tempo indefinido.

RECEPCIONISTA: Pero iso é legal? Un cidadán non ten dereitos que o proteksen?

EMPREGADA: Un cidadán ten dereitos. E tamén ten un nome. Porén, se non ten un nome, como podería reclamar os seus dereitos?

RECEPCIONISTA: Pero sería posible tramitar un novo nome se non se ten un? Como podería cubrirse o formulario, sabendo que o apartado do nome é obligatorio?

EMPREGADA: Pois... iso eu non cho sei...

O recepcionista e a empregada, que foran camiñando ata un lado do escenario mentres falaban, saen definitivamente.

FIN

La importancia de llamarse Antonio

Xacobe García

ESCENA 1

Mostrador de un edificio público. Un recepcionista sentado delante de un ordenador con aspecto de estar ocupado. Aparece Antonio, que duda entre hablar y esperar a ser atendido. En el momento en que empieza a articular un «Bue..» el empleado alza la mano para silenciarlo. Pasan unos segundos hasta que la baja de nuevo.

RECEPCIONISTA: Dígame.

ANTONIO: Buenos días. Me gustaría saber cómo puedo hacer para cambiar mi nombre.

RECEPCIONISTA (*examinándolo durante unos segundos*): ¿Cuál es su nombre?

ANTONIO: Antonio Rodrigues Pereira.

RECEPCIONISTA: ¿Sexo?

ANTONIO: ¿Perdone?

RECEPCIONISTA: ¿Es usted una mujer? ¿O quiere convertirse en mujer?

ANTONIO: Por supuesto que no. Soy hombre...y así me quiero quedar.

RECEPCIONISTA: Entonces sólo cambiar de nombre ... (*anotando en un papel*) ¿Qué problema tiene su nombre? ANTONIO: ¡Pero bueno! Creo que no es obligatorio responder a esa pregunta, ¿no?

RECEPCIONISTA: No se enfade, sólo pregunto para saber si lo que usted quiere alterar es la grafía del nombre «Antonio» o si quiere cambiarlo a un nombre totalmente diferente. Usted no se imagina cuántas personas vienen por aquí porque los inscribieron en

el Registro como Anthonio (con hache) o Amtonio (con eme) ...

ANTONIO: No. Mi nombre es el Antonio «de toda la vida». No tiene ninguna falta de ortografía. Pero preferiría que la gente me llamase Claudio.

RECEPCIONISTA (*repitiendo el nombre con tono de burla*): Claudio... Y a usted le parece mejor que Antonio...

ANTONIO (*empezando a mostrarse irritado*): Pues sí. ¿Le importa indicarme el procedimiento? Tengo un poco de prisa, he pagado sólo media hora de parking.

RECEPCIONISTA (*con cara de no haberle gustado la exigencia*): Si usted me hubiese explicado todo desde el principio, le habría entregado el impreso al momento (*poniendo un papel verde sobre el mostrador*). Haga el favor de llenar con letra mayúscula y presentarlo en el segundo piso, en la sección de «Modificaciones».

Antonio intenta coger el papel para irse, pero el recepcionista sujetá todavia el impreso mientras levanta la otra mano indicando que aún no ha acabado.

RECEPCIONISTA (*sacando un nuevo impreso, esta vez amarillo*): Antes, tendrá que cubrir usted también este impreso con letra mayúscula y presentarlo en la sección de «Verificaciones». Allí le facilitarán un certificado de idoneidad que precisa entregar con el impreso verde.

ANTONIO: ¿Idoneidad? ¿Eso quiere decir que la Administración necesita comprobar que no estoy loco?

RECEPCIONISTA (*con sonrisa fingida*):

Por desgracia no tenemos la capacidad para determinar algo así. La Administración sólo verifica que el nombre no sea ofensivo.

ANTONIO: ¿Pero por qué iba a ser «Claudio» ofensivo?

RECEPCIONISTA: Ahí yo no me meto, es algo que no me compete. ¿Pero usted podría afirmar con total seguridad que «Claudio» no sea una palabra tabú en Kazajistán, por ejemplo? En esta sociedad globalizada no podemos dar nada por sentado...

Antonio abre la boca como para responder algo, pero simplemente exhala aire por la nariz. Mira su reloj e intenta coger los dos papeles. Nuevamente, el empleado repite la indicación anterior para que espere.

RECEPCIONISTA (*sacando esta vez un impreso azul*): Habida cuenta que la voluntad del caballero (que nadie aquí en la Administración cuestiona, debo añadir) no es otra que la de renunciar de forma definitiva al nombre «Antonio» ... (pausa para tomar aire) es preciso cubrir este formulario que deberá ser presentado en el área de «Anulaciones» con el propósito de evitar el uso indebido del nombre al cual se ha renunciado.

ANTONIO (*reprimiendo el impulso de contestar y después de una pausa*): ¿Puedo?

RECEPCIONISTA (*retirando la mano del montón de impresos*): Si me hace el favor. Hay más gente esperando.

ESCENA 2

Una mujer joven está sentada detrás de una larga mesa sobre la que se ve un ordenador, un portarretratos y un cartel que dice «Anulaciones». Cuando Antonio entra en la sala, la mujer se encuentra escribiendo algo en su móvil.

ANTONIO: Buenos días.

EMPLEADA (*sin levantar la vista del teléfono*): ¡Buenos días!

ANTONIO: He iniciado los trámites para cambiar de nombre y me han indicado que necesitaba venir aquí para solicitar la anulación del actual.

EMPLEADA: Desde luego. Puede sentarse, si quiere.

ANTONIO: ¿Se tarda mucho? Necesito mover mi coche dentro de unos minutos...

EMPLEADA: Quede tranquilo, ¡es un trámite muy rápido! Borrar es algo casi instantáneo, imperceptible, indoloro. Todo lo contrario del acto de crear, que puede prolongarse durante años. ¿Ha pensado alguna vez en el enorme trabajo que supone cocinar para una familia de siete personas y cómo la comida se termina en cuestión de minutos?

ANTONIO: Soy soltero y apenas sé cocinar.

EMPLEADA: Yo tampoco cocino, pero recuerdo al abuelo cuando era niña, que se pasaba toda la mañana haciendo pan en el horno. Y enseguida desaparecía todo, casi sin tiempo para que se enfriara.

ANTONIO: Suele pasar.

EMPLEADA (*sin darse cuenta de que Antonio no quería conocer más su historia familiar*): El pobre abuelo nunca llegaba a probar su propio pan. Pero a pesar de todo, nunca se molestaba: siempre tenía una sonrisa dibujada en la cara.

ANTONIO: Ajá.

EMPLEADA: Parecía feliz viendo a los niños a su alrededor... pero no lo era. ANTONIO (*resignado*): ¿No?

EMPLEADA: Un día apareció colgado del techo. Nadie supo por qué. Y así fue como se terminó el pan de los sábados. (*Pausa triste*). ¿Se da cuenta? También la vida desaparece rápido. En cambio, necesitamos nueve meses para nacer.

ANTONIO: Pues sí... El impreso sería este.

La mujer lo pone en el escáner y después de unos segundos se rasca la cabeza inquieta.

EMPLEADA: Hay algún error en el archivo. ¿Podría leerme los datos para ir más rápido?

ANTONIO: Encantado. El nombre sería «Antonio», y apellidos «Rodrigues Oliveira».

EMPLEADA (*con sorpresa trágica*): ¿Antonio? Igual que el abuelo...

ANTONIO: Es un nombre muy común.

EMPLEADA (*dejando el ordenador y mirando fijamente a Antonio*): Ahora lo entiendo. Antonio le parecía un nombre demasiado ordinario. Hay tantos en este país que le resultaba triste ser uno más, un ciudadano anónimo que no nació para ser recordado...

ANTONIO: Tampoco es así la cosa...

EMPLEADA (*cogiendo el porta-retratos y enseñándolo con rabia*): Pero a este hombre nunca le importó el nombre. Trabajó toda su vida y justo por eso se quedará para siempre en el recuerdo de aquellos que lo conocimos. ¡Siempre será «el abuelo Antonio», incluso para los nietos de mis nietos! A lo mejor en esa época ya nadie se llamará así, si todo o mundo hace lo mismo que usted...

ANTONIO: Mire, creo que debería volver en otro momento. Además, mi coche...

EMPLEADA (*imitando a Antonio*): «Mi coche, mi coche...» Eso es lo único que importa hoy en día, los bienes materiales, vivir la vida a la carrera. Hacer y deshacer. Todos los días veo lo mismo, personas que llegan aquí pensando que sus errores pueden ser enmendados por un funcionario. Deme eso...

La empleada le quita a Antonio el formulario de las manos y teclea frenéticamente. Antonio mira hacia la puerta, dudando, pero se queda.

EMPLEADA (*pulsando con fuerza la última tecla*): Listo! Usted ya no se llama Antonio. Buenos días.

La empleada pone sobre la mesa el comprobante del trámite. En el momento en que Antonio extiende la mano para cogerlo, ella estampa un sello en el papel con energía, dándole casi en los dedos. Finalmente, Antonio sale de la sala con la hoja.

ESCENA 3

Antonio entra en la sala de Verificaciones donde un hombre corpulento habla con una señora mayor.

EMPLEADO: ... es así, ahora parece que se ha puesto de moda.

VIEJA: Lo que yo no entiendo es cómo una persona adulta puede creerse esas locuras.

EMPLEADO: No ve el problema, sólo el dinero...

ANTONIO: Buenos días, disculpen que interrumpa. ¿Es esta la sala de Verificaciones?

EMPLEADO (*señalando con el dedo la plaqita del bolsillo de su camisa*): Eso me dijeron cuando me contrataron. Y usted necesita que comprobemos algo...

ANTONIO: ... siempre que no sea un trámite muy largo. Mi coche ya se ha pasado de hora en el parking y tendría que sacarlo.

La vieja se le queda mirando con la boca abierta, como si no tuviese fuerza para cerrarla.

EMPLEADO: Mire, eso no sabría decírselo. Depende de lo que usted quiera verificar; puede ser una cuestión de segundos... o puede llevarnos toda la mañana.

ANTONIO: Se trata de mi nombre, quería cambiarlo por uno nuevo.

EMPLEADO: ¿Cuál es?

ANTONIO: Antonio

La vieja lo repite para sí misma.

EMPLEADO: ¡Virgen santa! Para buscar ese nombre... ya le aviso que no vamos a conseguir comprobarlo hoy, quizás necesite volver a fin de mes. Seguro que hay miles de resultados y ciertamente habrá alguien que se llame de esa forma. Y si esa persona no quiere renunciar a su nombre, tendríamos que derivar el caso a un tribunal para decidir quién tiene derecho preferente según los méritos acumulados...

ANTONIO: No, tranquilo. Antonio era mi nombre hasta hoy. Quiero cambiarlo a Claudio.

La vieja, que se ha colocado detrás de Antonio, repite el nombre para sí misma.

EMPLEADO: Ah (volviendo del estado de exaltación anterior). ¿Y qué problema tiene «Antonio»?

ANTONIO (*empezando a ponerse nervioso*): No tiene ninguno. NINGUNO. Simplemente no me identifico con ese nombre. Nada más.

El empleado y la vieja se miran durante un instante y estallan en una risa simultánea, que dura unos segundos. Despues vuelven repentinamente al estado anterior.

EMPLEADO: Tiene usted razón. La identidad lo es todo en la vida de una persona. ¿Por qué quedarse atrapado en el nombre que nos han puesto cuando la Administración ofrece la posibilidad de cambiarlo? «Claudio» tiene reminiscencias imperiales. Es una buena elección.

La vieja ha ido saliendo de la sala y se queda Antonio solo con el empleado, que busca en su ordenador. Antonio mira el reloj impaciente.

EMPLEADO: Hay Cláudio (con acento en la a) y Claudio (sin él). ¿Cuál prefiere usted?

ANTONIO: Sin acento. ¿Por qué la gente hoy se empeña en ponerle acento a lo que no lo lleva?

EMPLEADO: Es así, ahora parece que se ha puesto de moda...

Los dos se quedan sonriendo inmóviles por algunos segundos.

EMPLEADO: Bueno. Aquí está su formulario sellado. Sólo necesita llevarlo al piso de arriba.

ANTONIO: ¿Tengo que hacerlo hoy mismo? Como le decía antes, mi coche...

EMPLEADO: Por desgracia, ahora que ya ha empezado, debe completar el proceso. Pero no se preocupe, este es el mejor horario para entregar documentación en el área de «Modificaciones».

ANTONIO (*después de dudar unos segundos*): Vale. De acuerdo...

ESCENA 4

Área de modificaciones. La misma anciana de la escena anterior espera detrás del mostrador.

VIEJA: Buenos días.

ANTONIO: ¿Es usted la funcionaria de este departamento?

VIEJA: Buenos días.

ANTONIO: ¿Usted no tendría que estar ya jubilada?

VIEJA: Buenos días.

ANTONIO (*suspirando y entregando los papeles a la mujer*): Buenos días...

VIEJA (*acermando la boca al micrófono y leyendo*): Cambio de nombre. Mantiene apellido: Rodrigues Pereira.

Anulado: Antonio (sin acentos). Verificado: Claudio (sin acentos).

ANTONIO (*sorprendido*): ¿Está usted tramitando la solicitud por radio?

VIEJA: No (*riendo*). Está apagado. ¿Quién sabe si algún día no lo haremos así? De momento sólo es necesario poner un sello.

ANTONIO: ¡Menos mal! Con un poco de suerte aún me libro de la multa de aparcamiento.

VIEJA: Pero antes tiene usted que llenar el campo de «motivos».

ANTONIO: ¿Es obligatorio indicar una razón? ¿No es suficiente con que a mí me dé la gana?

VIEJA: Es una formalidad. Si no lo justifica, puede ser que mañana se arrepienta usted de haberlo cambiado; pero cuando existe un motivo es más difícil que eso suceda.

ANTONIO: ¿Y si fuera por una circunstancia personal que no quiero decir?

VIEJA: Toda la documentación es confidencial. Nadie va a saberlo aparte de usted. Y de Él... (*señalando el techo de la sala*).

ANTONIO: Y de usted...

VIEJA (*riendo*): Yo soy sólo una pobre

viejecita. ¿Quién sabe si no habré estirado ya la pata cuando usted llegue esta noche a casa? Vamos, hombre... ANTONIO (*dudando*): Yo... me he enamorado de una mujer que piensa que me llamo Claudio...

VIEJA: Pues claro... una historia de amor. ¿Pero por qué le ha ocultado su verdadero nombre? Si se puede saber...

ANTONIO: Nos conocimos por casualidad en una fiesta. Me preguntó si me llamaba Claudio, porque una vidente le había dicho que conocería a una persona con ese nombre que cambiaría su vida.

VIEJA: Lo que yo no entiendo es cómo una persona adulta puede creerse esas locuras.

Los dos se miran inmóviles durante algunos segundos.

ANTONIO: Me enamoré al momento y me pareció que sería una buena oportunidad para conseguir que ella se interesase por mí. ¡Y funcionó! Ya hace un año que somos novios.

VIEJA: Y si ha conseguido usted mantener la mentira todo este tiempo, ¿por qué se ha decidido a cambiar de nombre ahora?

ANTONIO: Porque nos comprometimos el mes pasado y no quiero que lo descubra precisamente en el momento de firmar los papeles el día de la boda. ¿Entiende usted mi problema?

VIEJA: Lo entiendo. Si ella se enterase de que usted es realmente Antonio, pensaría que aún hay por ahí un

Claudio esperando por ella y perdería el interés por usted. ¿Pero no pensó en ningún momento en la posibilidad de añadir simplemente Claudio como segundo nombre?

ANTONIO: ¿Antonio Claudio? (mirando para el suelo). Claro... De esa forma podría seguir siendo Claudio para ella y Antonio para el resto del mundo, sin miedo a ser descubierto. ¡Muchas gracias, ha tenido usted una idea excelente!

Sale corriendo sin ver que la vieja había abierto la boca para añadir algo.

ESCENA 5

Sala de anulaciones. La misma empleada de la Escena 2 recibe a Antonio con una mirada de pocos amigos.

ANTONIO: ¡Buenos días! Me gustaría anular la anulación de mi nombre.

EMPLEADA (*con aire ofendido*): ¿Anular una anulación? ¿Es usted consciente del disparate que está diciendo? ¡No es posible anular una anulación! Lo que se borra ya no vuelve.

ANTONIO: ¿Entonces ya no me llamo Antonio? ¿Y no puedo recuperar mi nombre?

VIEJA (que acaba de entrar en la sala): Eso es lo que le iba a decir, pero no me ha dado usted tiempo. Si quiere quedarse como Claudio Antonio, debe iniciar un nuevo trámite en el mostrador de entrada.

EMPLEADA (*hablando para sí misma*): Claudio Antonio, que ridículo...

ANTONIO: Joder, ya me da igual. Me quedo como Claudio. Ya pasan de las doce y mi coche debe tener una multa kilométrica.

VIEJA: Pero es que usted no ha llegado a completar el proceso de modificación...

ANTONIO: Ah, ¿no? Qué complicado es todo; tramitar este cambio de nombre ha sido una absoluta estupidez... Está bien, volvamos para completar la modificación.

EMPLEADA: No ve el problema...

ANTONIO (*interrumpiendo, irritado*): ¿Hace usted el favor? Estoy hablando con su compañera.

VIEJA: No puede usted continuar la modificación después de haber abandonado el proceso por la mitad. Necesita iniciarla nuevamente.

ANTONIO: ¿Quiere decir que tengo que cubrir otra vez el impreso verde? EMPLEADA: El verde, el azul y el amarillo. Es lo que dice el reglamento.

ANTONIO: ¡Eso es una locura! ¿Y si me niego?

VIEJA: No pude usted negarse... es preciso seguir ese procedimiento si quiere cambiar de nombre.

ANTONIO: Pero yo ya no voy a cambiar de nombre. Usted ha dicho que yo ya no soy Antonio (*mirando a la empleada*). Y usted (*mirando a la vieja*) ha dicho que nunca he llegado a ser Claudio. O sea, que en este momento no tengo nombre alguno.

EMPLEADA (*intercambiando miradas nerviosas con la vieja*): ¡Venga, hom-

bre! Claro que tiene usted un nombre...

HOMBRE SIN NOMBRE (*desafiante*): ¿Cuál?

EMPLEADA: Bueno, oficialmente no tiene ninguno, pero eso no le impide solicitar uno nuevo. El procedimiento es el mismo. Deje que le ayude a cubrir los papeles... ¿Qué nombre desea usted poner?

HOMBRE SIN NOMBRE: Ahora ya no me interesa. ¡Yo voy a recuperar mi coche y la multa que la pague Antonio!

El hombre sin nombre sale de la sala al tiempo que la vieja empieza a consultar un libro y la empleada marca un número en su teléfono.

ESCENA 6

El recepcionista de la primera escena ve como el hombre sin nombre camina hasta la puerta e intenta abrirla sin conseguirlo.

RECEPCIONISTA: Perdone, pero esa puerta es sólo para entrar. Si está buscando la puerta de salida, queda en el otro lado de la sala.

HOMBRE SIN NOMBRE: Del otro lado... para allá vamos.

RECEPCIONISTA: Pero antes de salir, necesita usted identificarse.

HOMBRE SIN NOMBRE: ¿Por qué? ¡Ya lo hice al entrar en el edificio!

RECEPCIONISTA: Exactamente por ese motivo: la Administración necesita asegurarse de que las personas que

entran también abandonan nuestras instalaciones.

HOMBRE SIN NOMBRE: Soy Antonio Rodrigues Pereira. Seguro que usted se acuerda de mí.

RECEPCIONISTA: Por desgracia son muchas las personas que pasan por aquí cada hora. ¿Puedo ver su documento de identidad?

EMPLEADA (*irrumpiendo en la sala*): No podrá porque ya no tiene ese nombre. ¡Ni ningún otro!

RECEPCIONISTA: ¡Señor mío, no puede andar por ahí sin nombre! En esas condiciones no pude ser usted autorizado a dejar el edificio.

HOMBRE SIN NOMBRE (*desafiante*): ¡Me hace tanta falta su autorización como un nombre!

El hombre sin nombre coge una silla y empieza a golpear con ella la puerta, con el objetivo de echarla abajo. Viendo la escena, el recepcionista avisa a los empleados de seguridad, que se llevan al hombre sin nombre.

RECEPCIONISTA: ¿Se lo llevan a la cárcel?

EMPLEADA: Creo que sí, pero no pueden juzgarlo sin nombre. Necesitará tramitar una nueva solicitud, tarde o temprano.

RECEPCIONISTA: ¿Y si sigue negándose?

EMPLEADA: Entonces se quedaría en prisión por tiempo indefinido.

RECEPCIONISTA: ¿Pero eso es legal? ¿No tiene cualquier ciudadano unos derechos que lo protegen?

EMPLEADA: Un ciudadano tiene derechos. Y también un nombre. Sin embargo, si no tiene un nombre, ¿cómo podría reclamar sus derechos?

RECEPCIONISTA: ¿Pero sería posible solicitar un nuevo nombre si no se tiene uno? ¿Cómo podría cubrirse el formulario, sabiendo que el apartado del nombre es obligatorio?

EMPLEADA: Pues... eso ya no lo sé yo...

El recepcionista y la empleada, que habían ido andando hasta un lado del escenario mientras hablaban, salen definitivamente.

FIN

erre gue té

revista galega de teatro

Directora

Vanesa Sotelo

Subdirector

Manuel Xestoso

Secretario

Roberto Pascual

Consello de Redacción

Afonso Becerra de Becerreá

Roi Vidal Ponte

Esther Carrodegas

Gena Baamonde

Fran Peleteiro

Xoán Carlos Riobó

Consello Editorial

Antón Lamapereira [Presidente]

Xosé Manuel Pazos Varela

Che Mariño

Pedro Pablo Riobó

Gonzalo Rodríguez Calvo

Casilda Alfaro

Edita

Asociación Cultural Entre Bambalinas

Depósito legal

Vg.21-1994

ISSN

1888-2412

Contacto

Apdo. Correos 210 - 36940 Cangas

Comunicación

comunicacion@erreguete.gal

Dirección

rgtdireccion@gmail.com

web

www.erreguete.gal

Facebook

facebook.com/erreguete

Publicidade / subscrípcións

Helena Torres

publicacion@erreguete.gal

Twitter

twitter.com/erreguete

Instagram

instagram.com/erreguete

Os CADERNOS PLATTA contan con financiamento do proxecto 0101_GNP_AECT_1_E-INTERREG VA. e o apoio da Agrupación Europea de Cooperación Territorial Galicia-Norte de Portugal.



Pequeno na cidade de Vigo, dende 2010 ata a actualidade.

A teatralidade presente nesta arte espertou o seu interese polo estudo da expresión corporal, que se materializou no ano 2015 cando se incorpora ao grupo de teatro amador Eu.experimento. O proxecto, que se desenvolve na sede do Instituto Camões, busca potenciar o uso do portugués tanto na creación de textos nesta lingua como na interpretación destes. Dentro do traballo conxunto de redacción, ten participado na creación das últimas pezas presentadas polo grupo: *O Conto das Três Nozes*, *Processo Bocage*; *O nome de todos os nomes* ou *Uma casa, muitas vis(i)tas*.

A *importância de se chamar António* é o seu primeiro texto como dramaturgo.

Cadernos Platta | 3